

andam em busca de formas religiosas de substituição (religião *à la carte*, esoterismos, etc.) seja nos que vivem em aparente ausência de toda a fé e toda a prática religiosa (caso dos «ateus tranquilos») – permanece latente a necessidade de um sentido para a vida. Os próprios cristãos praticantes acabam, não raro, baralhados com a situação cultural e religiosa deste tempo. Uns barricam-se na fortaleza do integrismo fundamentalista, enquanto outros acham que muitos elementos da religião cristã carecem de ser modernizados, adaptando-se à nova cultura que está aí. Também nestes casos, está latente, de outro modo, a questão do sentido da vida. Ora, é precisamente nessa inquietação por um sentido que radica a fé. Por isso é verdade que os próprios descrentes têm a sua própria fé em qualquer coisa, fé que lhes proporciona o (seu) sentido para a vida: família, amizade, solidariedade, etc.

Michel Hubaut tem em conta que «a fé é um itinerário, uma viagem de longo curso, uma história sempre em construção, uma parturição, um êxodo, uma dúvida incessantemente a ultrapassar» (p. 11). Ela transmite-se essencialmente através do testemunho, que não através de «cruzadas de fé de quem se presume detentor de toda a Verdade, cheio de altivo desprezo para com os que têm dúvidas ou se põem legítimas questões» (p. 10). Consequentemente, propõe-se, nas páginas deste livro, não converter ninguém nem sequer fazer a apologia da fé cristã, mas ajudar quem quer que seja a arriscar o caminho dinâmico da fé, neste mundo tal como o encontramos. Não oferece mapas de estradas, em ignora as dificuldades. Nem assume uma postura moralizante e de condenação. Mas, como bom discípulo de S. Francisco, procura oferecer ao homem e à mulher fragilizados deste tempo pontos de referência e estímulo ao fazerem caminho, na expectativa de

uma verdadeira Boa Notícia que lhes traga consigo o verdadeiro sentido da vida. E sempre sem perder de vista que nós, os discípulos de Cristo, precisamos de «escutar e procurar compreender o que o Espírito nos pode dizer através da imagem deformada da fé cristã que, por vezes, o espelho do mundo nos devolve».

RAUL AMADO

GARCÍA ÁLVAREZ, OSA, **La Paz, un camino hacia Dios. Fray Luis de León, Maestro de vida espiritual**, col. «Espiritualidad Agustiniana», Editorial Agustiniana, Guadarrama (Madrid), 2013, 200 p., 210 x 125, ISBN 978-84-92645-35-0.

Um dos maiores poetas espanhóis do século XVI, Frei Luís de León, que também foi teólogo, escritorista, e filósofo do direito, foi também grande mestre espiritual. O autor deste livro vai buscar ao seu pensamento escrito inspiração para uma série de quinze meditações centradas na ideia tão agostiniana da paz interior, ou do coração. Precisamente o coração é o objeto da sua primeira meditação. Depois, sucessivamente, são oferecidos ao leitor orante temas como os da escuta interior, da Palavra de Deus, de Cristo como «imagem de Deus invisível» e Seu Filho muito amado, caminho, verdade e vida do homem, que precisa de nascer no seu coração. A paz que ansiamos depende d'Ele mas depende também de nós, chamados a ser construtores da paz. Mas é sobretudo obra de graça, em que a Eucaristia tem um papel de relevo. Maria é apresentada como modelo dessa escuta interior, mãe e modelo da nossa vida. Também o santo Job é apresentado como modelo, neste caso quando a paz está perturbada pelo

sofrimento. A busca da paz conduz-nos no caminho para Deus que, em cada dia, está à nossa porte e chama.

Um livro que se recomenda a quantos conservam em suas vidas o hábito e a necessidade da frequente meditação nas coisas divinas que têm a ver com a vida espiritual.

RAUL AMADO

EGUIARTE BENDÍMEZ, Enrique A., OAR, **Cuaresma agustiniana**, Editorial Agustiniiana, Guadarrama (Madrid), 2012, 190 p., 189 x 105, ISBN 978-84-92645-34-3.

Este é um pequeno livro que, na sua singeleza, oferece às pessoas individuais e às comunidades que desejem viver, com um tempo de oração, o dia-a-dia da Quaresma, um precioso subsídio para esse efeito. Inspirado e servido de pequenos textos extraídos de Santo Agostinho, mas também da Bíblia, para cada dia apresenta uma sequência de breves textos agostinianos para meditação introdutória, um salmo selecionado, uma breve palavra da Escritura, com sugestão de um tempo subsequente para meditação, o *Benedictus* ou o *Magnificat*, algumas preces, o Pai nosso, uma oração e a bênção final.

Como se vê, em cada dia, o esquema de leitura, meditação e oração, segue o figurino litúrgico das Laudes ou das Vésperas, ao mesmo tempo simplificado e enriquecido. De recomendar sobretudo a quantos, sem obrigação daquelas horas canônicas, queiram viver a espiritualidade quaresmal com a preocupação daquela «oração mais intensa» de que fala um dos prefácios deste tempo litúrgico.

RAUL AMADO

DOLDI, Marco, **Hombres y mujeres de fe. El legado de los grandes creyentes**, col. «Testigos», San Pablo (www.sanpablo.es), 188 p., 210 x 135, ISBN 978-84-285-4166-4.

Neste «Ano da Fé» e neste tempo de «eclipse de Deus», faz bem aos que se mantêm crentes recolher e meditar os testemunhos de grandes figuras da história da Igreja, que viveram e anunciaram a sua fé. Este livro oferece aos que o queiram aproveitar sessenta desses testemunhos, de homens e de mulheres de fé. Para cada um o autor faz uma breve apresentação e dele recolhe textos e acções ou atitudes exemplares.

Referem-se aqui, exemplificativamente, apenas os mais relevantes, distribuídos pelas épocas antiga, medieval, moderna e contemporânea, em cada qual sublinhando a respectiva tónica. Da época antiga: Santo Inácio de Antioquia (conhecimento da verdade), S. Policarpo (a fé como dom apostólico), Epístola a Diogneto (em que crêem os cristãos), Santo Agostinho (sem a fé tudo desbaria), S. Leão Magno (como a estrela para os Magos), Cassiodoro (verdadeiro conhecimento); da época medieval: Santo Isidoro de Sevilla (a fé, amiga do coração e da razão), Ruperto de Deutz (a beleza de Maria, mulher de fé), S. Bernardo de Claraval (as três filhas do Rei), Santo António de Pádua ou de Lisboa (como o peixe), S. Boaventura (sublime, estável e formosa), S. Tomás de Aquino (a primeira coisa necessária), Santa Catarina de Sena (doce confiança); da época moderna: Tomás Moro (a fé, custodiada pela tradição), Santo Inácio de Loyola (necessário defendê-la da heresia), Santa Teresa de Jesus (permitenos ver «mais além»), S. João da Cruz (a noite escura), Pascal (reside no coração); da época contemporânea: Beato Robert